

Ao final de agosto de 2018, estávamos nós três, Alda, Leandro e Rodrigo, como convidados e participantes do Simpósio “Realidades Complejas: aproximaciones desde las Ciencias Sociales”, organizado pelo CIIIE, em sua parceria entre a Alice Salomon Hochschule Berlin, a Universidade Autônoma Benito Juárez de Oaxaca e a Universidade de Sorocaba. Os dias do Simpósio foram alegres, não somente pelas possibilidades de conversas, encontros, aprendizados e parcerias, mas por nosso distanciamento do Brasil. Longe mentalmente e fisicamente do país, conseguíamos respirar, mesmo que brevemente, de ares menos causticantes e tóxicos.

Era preciso respirar, seja no Simpósio, seja nos bares e restaurantes de Oaxaca de Juárez, seja nas diversas riquezas ao redor da cidade – como em Monte Albán, onde era possível decifrar cada uma das notas musicais do vento batendo na história pré-colombiana do continente. Encher os pulmões de um ar que, para nós no Brasil, parecia menos poluído, em comparação ao enxofre que propagava com cada vez mais velocidade ao sul do Equador.

No primeiro dia de retorno ao país, em 1º de setembro, o Brasil, como país, começava a apontar seu estado de pútrida morbidez; observávamos, pela televisão e internet, entre consternados e paralisados, o incêndio que destruía o Museu Nacional do Rio de Janeiro, levando embora mais de 90% dos artefatos históricos, arqueológicos, geológicos e antropológicos de seu acervo. Por mais que sintamos que os museus a quatro paredes ainda sejam resquícios e indícios de uma paisagem histórica morta, entendemos que ainda poderiam ser espaços de processos iniciais de educação coletiva. Constatamos que, em um país como o Brasil, cuja memória histórica é irrisória, cometemos os mesmos erros barbáricos em prazos menores que meio século.

Desde o início de 2020, o Brasil e o mundo sofrem as consequências da pandemia provocada pelo vírus Sars-CoV-2, causador da doença chamada de Covid-19, e pelas turbulências sociais, econômicas e políticas que atravessam esses dias, num tempo de muita claridade. Uma excessiva iluminação paira sobre nós, nos impedindo de perceber nuances como os intermitentes e frágeis sinais advindos dos não humanos. Como nos diz o filósofo Giorgio Agamben em seu ensaio sobre o que significa o contemporâneo, precisamos neutralizar as luzes da nossa época para descobrirmos suas trevas. Hoje, elas parecem prescindir desse exercício do pensamento, pois estão aí a explodir diante de nós. Um tempo de trevas nos coloca em combate ao que Marcos Reigota nomeia como uma maquinaria incisiva de produção de ausência de sentido. Como sobreviver? Como não se deixar cegar pelo excesso de luz inseparável das trevas descobertas? Como podemos ver, tal como sugere Georges Didi-Huberman, no livro intitulado “A sobrevivência dos vagalumes”, as

frágeis vidas que insistem em existir, afirmando, apesar de tudo, lampejos hesitantes de abertura à vida? Como nos ensina Ailton Krenak, é imprescindível ganharmos tempo cuidando do nosso quintal, do nosso cotidiano mais banal e corriqueiro. E podemos fazer isso dançando, cantando, escrevendo, ativando potências alegres e políticas ativas.

O Dossiê “Nas trevas, cantamos e dançamos e escrevemos e...” que ora oferecemos à leitura, apresenta-se como uma proposta de provocação estética ao pensamento. Misturando os campos da educação, ambiente, cultura e arte, convida autores/as e artistas a escreverem artigos, ensaios, ficções, poemas e a criarem imagens. Organizamos três seções para acolher estas invenções, que reúnem 16 intervenções: Seis artigos e/ou ensaios científicos, cinco ensaios imagéticos/fotográficos e cinco conjuntos de poemas/contos/textos ficcionais. Provocamos nossos convidados/as com as cintilações poéticas de Bené Fonteles “Poética x Política”, Milton Hatoum “O Fim que Se Aproxima”, Thiago de Mello “Faz escuro mas eu canto”, imagens de [Jaider Esbell](#), e clip de “[Cão sem plumas](#)” de João Cabral de Melo Neto dançado pela Cia de dança Deborah Colker.

Viviane Mendonça e Josefina Tranquilin trarão dois textos com a dimensão exata da condição na qual os brasileiros e brasileiras não sabem se precisam se preocupar mais com a pandemia do que com a explosão de outros problemas sociais. O artigo de Shaula Sampaio, escrito em parceria com Daniel Martins, e o ensaio científico de Rodrigo Barchi, demonstram o quão cascudas começam a ficar as resistências que, cansadas de apanhar e criando escoriações profundas e largas cicatrizes, vão perdendo completamente o medo e tomando os espaços das ruas e das margens.

Temos os textos e ensaios imagéticos que carregam uma constante, inviolável e sublime fleuma, a qual, apesar da indignação inseparável da ação-reflexão professoral, não se deixam levar pelo ódio, pelo rancor, pelo ressentimento e pelo sentimento de vingança. Os ensaios fotográficos são um deleite, nas suas mais diversas tendências. Para Sheila Hempkemeyer em suas “Luminescencias urbanas y la poética errante”, as ruas percorridas com “la velocidad de la bicicleta y la lentitud de los cuerpos errantes son puntos cruciales para que pensemos en otros modos de existencia en la contemporaneidade”.

Leandro Belinaso, Ariana Sarmento e Machaia Mualaca, em “Vivendo a indignação em uma prática pedagógica” farão pulsar nas escolas suas frases semente, assim como o texto imagético de Vitória Moura Alves, Glenda Esther Ferreira e Andrea Cristina Versuti compartilhará “as experiências com oficinas do Projeto Universidade e Escola sem Muros”. E as paisagens de Silmaria, com Marcos Reigota seguindo os

passos de Nietzsche, na fuga do inominável contemporâneo. Eduardo José da Silva Tomé Marques, na companhia de Marizette Bortolanza Spessatto e Adriana Regina Vettorazzi Schmitt nos apresentarão a “educação como ferramenta para a inclusão de mulheres em situação de vulnerabilidade social”.

Rosana Fernandes nos levará para Perto do Mar, numa viagem com Agnès Varda para exercitar “O esquecimento, o envelhecimento dos corpos e a rotina do trabalho criativo [que] requerem paciência, modos de vidas compatíveis com os ritmos do planeta e dos corpos, atitudes afirmativas e ativas, silêncios, pausas, escuta sensível, e atenção ao prosaico”. Raquel Stolf nos provocará a “escuchar desde el afuera de la palabra”. João Anzanello Carrascoza oferecerá à Raduan Nassar e a nós o conto Ode-arcaica; Adriana Lisboa nos convidará a devolver “a poesia aos répteis”, e para ficarmos “à espera de que nada aconteça”. Tamiris Vaz nos adentrará a uma “Cidarte Contemporânea”, Dennis Radünz a uma “Sonívia”, poema que nos fará ouvir presságicos rumores; André Pietsch Lima, Kátia Maria Kasper, e Thalita Alves Sejanas contar-nos-ão “Um sonho”, no qual “Papéis voam”.

Mais do que nunca, ao fugirmos do normativo na produção acadêmica, mas sem necessariamente deixarmos de ser pesquisadores e pesquisadoras, pensadores e pensadoras, professores e professoras, fazemos não mais o que é possível, mas o que é brutalmente necessário. Nos tornamos, obrigatoriamente, espinosistas, cujas esperanças e sonhos não podem mais ser submetidas a devaneios utópicos imaginários de mentes abduzidas em transcendentalidades narcotizadas, mas ao processo de libertação, de recusa à opressão, de construção de caminhos que nos impeçam de sermos destruídos e esmagados pelos afetos tristes contemporâneos.

Esse dossiê é mais um grito que damos perante o caos, o horror, a hecatombe. A questão é que, conforme vamos ficando mais cascudos, pequenos vão parecendo os promotores do horror.

Nossa escrita, em poesia, em ensaios, em imagens, em narrativas, são o nosso sistema imunológico agindo com cada vez mais intensidade, rapidez e força.

Em tempos de pandemia, toda imunidade é ouro.



Rodrigo Barchi¹
Leandro Belinaso²
Alda Romaguera³
Organizadores

¹ Professor da UNIB em São Paulo, SP e da UNISO em Sorocaba, SP, Sudeste do Brasil.

² Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, Sul do Brasil.

³ Professora da Universidade de Sorocaba (UNISO) em Sorocaba, SP, Sudeste do Brasil.